Balanço crítico da produção de um mestre

Marco Aurélio Nogueira

Professor Oliveiros S. Ferreira – Brasil, teoria política e relações internacionais com sua obra
Carlos Enrique Ruiz Ferreira (org.)
Edusp
282 páginas | R$ 44

Quando as ciências sociais se especializam ao extremo e se tornam mais "quantitativas" e "metodológicas", os grandes pensadores ganham nova vida. Ainda que possam trabalhar concentrados em uma dada área do saber, eles se distanciam da busca por "provas" e por uma interdisciplinaridade difícil de ser definida e, sobretudo, praticada. Dedicam-se a fornecer parâmetros interpretativos que costuram conhecimentos vários, dialogam com diferentes escolas filosóficas e tradições intelectuais.

Oliveiros S. Ferreira (1929) é, com todos os méritos, um dos destacados representantes desta vertente. Formou-se em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP) e se tornou professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) em 1953. Desde então tem se dedicado à docência nos cursos de graduação e pós-graduação. A esta longa e consagrada trajetória universitária aliou uma rica atividade jornalística como editorialista, redator-chefe e diretor de *O Estado de S. Paulo*. Fez assim da militância intelectual sua razão de ser. Em seu percurso, cruzaram-se investigações eruditas e análises pontuais sobre diferentes aspectos da vida política brasileira e as relações internacionais.

Pensando no lugar ocupado por Oliveiros Ferreira nas ciências sociais brasileiras, um expressivo grupo de cientistas sociais coordenado por Carlos Enrique Ruiz Ferreira organizou, na USP, em conjunto com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), um minicurso dedicado a realizar um balanço crítico da produção intelectual do mestre. As exposições feitas na ocasião foram agora reunidas em livro, fornecendo ao leitor amplo e criterioso panorama da trajetória do importante professor.

O livro toma como base os cinco principais livros de Oliveiros, nos quais ele desenvolveu sua teorização. Debatem-se as ideias expostas em *Nossa América: Indoamérica* (1971), cujo objeto é o pensamento do político peruano Haya de la Torre, em *Os 45 cavaleiros húngaros* (1986), onde se faz uma leitura dos *Cadernos do cárcere* escritos pelo marxista italiano Antonio Gramsci, em *Vida e morte do Partido Fardado* (2000), *A crise da política externa: Autonomia ou subordinação* (2001) e *Elos partidos: Uma nova visão do poder militar no Brasil* (2007). No correr das discussões, salientam-se os núcleos constitutivos de um pensamento original: o Estado, a necessidade da ordem, o poder como dominação e posse de almas, mentes e recursos materiais, a dimensão psicossocial dos fatos políticos, o valor da ação organizada, o projeto nacional. Ao final, em um ensaio inédito, o próprio Oliveiros sintetiza suas proposições.

Duas vertentes se destacam em sua trajetória. A primeira alimenta uma teoria da política, dedicada a compreender as relações entre subordinados e dirigentes, os motivos que levam o "grande número" a aceitar a prevalência do "pequeno número". No centro, portanto, está o problema da dominação, que somente se mantém, no longo prazo, pela organização e por uma ação que busque a hegemonia, ou seja, a afirmação de uma concepção do mundo, de uma cultura.

A segunda vertente compõe uma teoria do Brasil, país em que as classes sociais transferiram para o Estado as tarefas típicas que lhes deveriam caber – a organização dos consensos, a modelagem da administração pública, o desenvolvimento, a defesa da soberania. Com isso, uma parte da estrutura estatal – os "militares", mais bem organizados – terminou por agir com maior desenvoltura política, reforçando as guinadas autoritárias, a democracia imperfeita, a hipertrofia dos vértices.

No ensaio de sua autoria, que fecha o livro, Oliveiros argumenta que o processo político-social que se seguiu à redemocratização fez com que se perdesse a "grande política" e as personalidades passassem a magnetizar as atenções. A solução do enigma fundacional do país – o da organização autônoma da sociedade e da articulação entre Estado e mundo da vida social – permaneceu em aberto, sem que surgissem sujeitos capazes de promover "políticas dirigidas para o futuro" e projetos nacionais.

O livro é uma bela homenagem a Oliveiros S. Ferreira. Mas não contém nenhuma hagiografia. Trata-o com o respeito que merecem os grandes intelectuais: criticamente, com isenção e objetividade. Ajuda-nos, assim, a ampliar nossa capacidade de explicar o mundo e o país em que vivemos.

Marco Aurélio Nogueira é professor de teoria política e coordenador do Núcleo de Estudos e Análises Internacionais (Neai) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) em São Paulo.

EDUARDO CESAR

Um testemunho sobre Lasar Segall

Claudia Mattos Avolese

Lasar Segall: Múltiplos olhares
Celso Lafer
Imprensa Oficial
192 páginas | R$ 60

Na história da arte brasileira, poucos artistas receberam tanta atenção dos estudiosos quanto Lasar Segall. Em grande parte, graças à presença ativa do Museu Lasar Segall em São Paulo, mas também pelo mérito de sua complexa e rica obra, nas últimas duas décadas a produção de Segall foi objeto de inúmeras exposições, debates e publicações acadêmicas, tanto no Brasil quanto no exterior. Portanto, parece legítimo nos perguntarmos qual seria a relevância da publicação de mais este livro sobre o artista.

Trata-se de uma coletânea de artigos produzidos por Celso Lafer ao longo de um período de 30 anos, durante os quais o autor esteve constantemente envolvido com a obra do artista e com o Museu Lasar Segall. Assim, a maior parte do material presente no livro já foi publicada, como afirma o próprio autor, desculpando-se pelas inúmeras repetições que de fato ocorrem nas 185 páginas da obra, em outros livros, catálogos de exposição, ou proferida em forma de palestra em ocasiões de abertura de eventos e homenagens. Desta forma, para os que procuram uma leitura renovada da produção de Segall ou buscam conhecer melhor os debates acadêmicos gerados em torno de sua obra, este livro não trará muitos benefícios. Ainda assim, a publicação tem sua importância e encontrará seu lugar nas estantes de livros produzidos sobre o artista.

Para bem compreender *Lasar Segall: Múltiplos olhares* não podemos nos aproximar dele esperando uma obra sobre Lasar Segall. O que temos em mãos na verdade é algo bem diferente: trata-se, de fato, de um testemunho. Do testemunho do encontro de Celso Lafer, também ele uma figura de interesse público, com o artista. O tom biográfico do livro permeia todos os textos. Ao aproximar-se da obra, Celso Lafer pensa sempre, e em primeiro lugar, na pessoa singular do artista que ele conheceu e com quem conviveu desde a infância. As obras retratando *pogroms* e as produzidas em função da experiência de duas Grandes Guerras são para o autor, acima de tudo, testemunhos da humanidade de Segall, de sua empatia e capacidade de comunicação desse sentimento na obra. Podemos afirmar, assim, que o conceito fundamental que rege a composição do livro de Lafer é o de *zakhor* – "lembrar" –, evocado pelo próprio autor como o fundamento da cultura judaica que compartilha com Lasar Segall. Tal perspectiva se confirma na segunda parte do livro. Esta é, em minha opinião, a mais instigante e inovadora da presente publicação. Nela encontramos uma descrição dos laços e da história de convivência íntima das famílias Lafer e Klabin que não achamos em outras publicações. O autor generosamente compartilha suas memórias, tecendo uma história que importa não apenas porque Celso Lafer é uma figura pública que sem dúvida terá seu lugar na história política e cultural do Brasil, ou porque, como diz Lafer, ela revela a "rede de proteção que criou um espaço de autonomia" para o processo criativo de Lasar Segall, mas acima de tudo porque ela nos ajuda a reconstruir toda uma época, todo um ambiente político-cultural e o *modus vivendi* de uma parcela importante da elite paulista de origem judaica, da qual os personagens citados foram peças fundamentais.

Como diz o autor, as famílias Klabin e Lafer são ligadas por laços de parentesco. Selman Lafer era tio do patriarca Mauricio Klabin, pai de Jenny Klabin, esposa de Lasar Segall. Mauricio foi o responsável por trazer Selman, bisavô de Celso Lafer, ao Brasil. Igualmente, a família de Lasar Segall já tinha vínculos com as famílias Klabin e Lafer antes de sua vinda ao Brasil, uma vez que um dos irmãos de Mauricio, Salomão Klabin, havia se casado com Luba, irmã de Lasar Segall. Celso Lafer conta como a família Klabin/Lafer se estabeleceu no Brasil, fala da criação e das atividades da Cia. Fabricadora de Papel, fundada por Mauricio e da qual seu pai foi diretor por muitos anos. Fala também de seu envolvimento com o projeto e com a criação do Museu Lasar Segall. Outro mérito do livro de Celso Lafer é o de resgatar a figura de Jenny como intelectual, mencionando sua importante atividade de tradutora.

De fato, a memória de pessoas e de toda uma época que nos ajuda hoje a entender, entre outros, a própria história do Museu Lasar Segall parece ser o verdadeiro legado deste precioso livro.

Claudia Mattos Avolese é professora do Instituto de Artes e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

EDUARDO CESAR